

A DIMENSÃO GEOPOLÍTICA DO 25 DE ABRIL E A TEMPESTADE QUE SE APROXIMA

David Martelo

Alocação proferida no IASFA/Porto, por ocasião do convívio de oficiais comemorativo do 44.º aniversário do 25 de Abril

Decorridos 44 anos sobre a madrugada libertadora de 25 de Abril, é natural que uma celebração como aquela em que nos encontramos possa servir para diversos olhares – uns com a visão dinâmica de uma tarefa que nunca está terminada e outros com a crença, muito bem sublinhada pelo escritor espanhol Javier Cercas, de que “o passado é uma dimensão do presente e, sem o passado, o presente fica mutilado”.

Para as palavras de hoje, opto, por mera inclinação pessoal, para o segundo olhar, para recordar, em breves palavras, alguns dos efeitos políticos e geopolíticos da ruptura com a ditadura, a maioria dos quais – se não mesmo a totalidade – viriam a adquirir uma dimensão surpreendente, considerando as potencialidades resultantes da nossa pequenez. Assim, poderemos apontar, como consequências do 25 de Abril, as seguintes mudanças de direcção nos destinos de Portugal e do próprio Mundo:

- O fim do ciclo ultramarino
- A Constituição de 1976
- O regresso da Espanha à democracia
- A adesão à Europa Comunitária
- As profundas mudanças na África Austral, a libertação de Mandela e o fim do *Aparteith* na África do Sul

Tendo a derradeira fase das mudanças na África Austral coincido com a “queda” do Muro de Berlim, logo seguida da mudança política nos países da Europa de Leste, o Mundo Ocidental foi animado por uma corrente de optimismo que ficou a curta distância de uma espécie de “Fim da História”.

Como é da natureza do homem a permanente busca da felicidade, este optimismo ingénuo, mesmo em retrospectiva, é merecedor de alguma simpatia. Mas não era, de facto, o Fim da História. Era, tão só, mais um cenário da história do Mundo, cujos contornos nos parecem, agora, tão longínquos como se tivessem ocorrido há um século.

Actualmente, a acção política nos países mais desenvolvidos e com mais tradição democrática parece evocar um quadro de taberna, com os protagonistas embriagados

com excesso de mediatização, com autênticos bufões tutelando funções de Estado e fazendo crer, com algum sucesso – é preciso reconhecer – que a rejeição do “politicamente correcto” nos há-de levar à salvação.

Em 1948, o ex-primeiro-ministro britânico Winston Churchill deu início à publicação da famosa obra “A Segunda Guerra Mundial”, um texto extenso e rico de memórias, que dividiu em 6 volumes, cada um deles com um subtítulo. Ao 1.º volume, cobrindo o período de 1919 a 1939, Churchill deu o subtítulo de *The gathering storm*, que podemos traduzir por *A aproximação da tempestade*, narrando, com particular argúcia, as movimentações políticas na Europa e a ascensão ao poder de fascistas e nazistas. Creio que não é fácil reler essas evocações sem sentirmos uma onda gelada a percorrer-nos o corpo. A Europa dos nossos dias vai-se entretendo com muitos dos condimentos que conduziram à catástrofe de 1939.

Ainda não há muitos anos, dizia-se, a propósito das eleições em França, que os eleitores votavam nas primeiras voltas com o coração e nas segundas com a carteira. Parece que estamos a assistir, nos nossos dias, a um incentivo superior ao da carteira e capaz mesmo de o neutralizar: o ódio. O ódio, em política, alimenta-se sobretudo da intolerância racial, que é o sustento do nacionalismo mais perigoso e também mais estúpido. O crescimento, mesmo no seio da União Europeia, de governos com claro défice democrático, em vez de ser tratado, no mínimo, com a mesma dureza com que foram tratados os governos com défice financeiro, é cobardemente tolerado, como se a História não nos tivesse ensinado nada e como se não fosse evidente que, na próxima vez, poderá não vir socorro do outro lado do Atlântico.

Vale a pena recordar as palavras de Stefan Zweig a propósito dos métodos de actuação do nazismo. Na obra *O Mundo de Ontem*, o célebre escritor austríaco deixou-nos este inquietante aviso:

O Nacional-Socialismo, com os seus inescrupulosos métodos de decepção, teve o cuidado de não demonstrar quanto os seus objectivos eram radicais, até que o mundo a eles se habituasse. Por isso, experimentou a sua técnica cautelosamente – uma dose de cada vez, com uma curta pausa após a sua aplicação. Uma pílula de cada vez, seguida de um momento de espera para ver se teria sido demasiado forte e se a consciência do mundo aceitava engolir essa pilula específica. E, como a consciência da Europa – para ruína e vergonha da nossa civilização – se apressou a dizer que não tomaria partido, porque os actos violentos eram perpetrados dentro das fronteiras da Alemanha, as doses administradas eram cada vez mais fortes, até que, por fim, a Europa tombou vítima delas. Hitler nunca teve uma ideia tão brilhante como esta abordagem táctica – sondando gradualmente a opinião pública

e, depois, colocando mais e mais pressão sobre a Europa, onde a crescente fraqueza moral não tardou a converter-se, também, em fraqueza militar.¹

Com a nova plêiade de políticos, que facilmente se deixam condicionar por um novo universo tecnológico, que escapa ao poder dos Estados e dos cidadãos, a ideia de Democracia encontra-se em clara perda. Há poucos meses, nos Estados Unidos da América, uma sondagem sobre a importância de viver em regime democrático obteve 71% de votos favoráveis em americanos nascidos na década de 1930 e somente 29% nos jovens que são designados por “millennials”.

Em Aistersheim, uma aldeia do noroeste da Áustria, realizou-se há poucas semanas o “Congresso dos Defensores da Europa”, organização da extrema-direita europeia. Nesse encontro, um membro do partido AfD (Alternativa para a Alemanha) – que, recorde, obteve 12,6% dos votos nas últimas eleições – utilizou o termo *Mitteldeutschland* (Alemanha Central) para se referir à antiga Alemanha Oriental. Com essa nova geografia, mais não queria dizer que a leste da linha Oder-Neisse há mais territórios alemães, apesar de pertencerem à Polónia desde o final da 2.ª Guerra Mundial. Lembra qualquer coisa, não lembra? Sim, a tempestade aproxima-se e a Europa parece querer repetir os passos de sonâmbulo que a conduziram a duas guerras mundiais.

Portugal, por razões históricas, tem conseguido viver os últimos anos algo distante da descrença na Democracia que se vai notando na Europa e na América do Norte. A memória dos quase 50 anos de ditadura ainda nos dá alguma robustez mental para não sermos terreno onde germine com facilidade a semente do autoritarismo. Mas não é só a História que nos protege. Também a Geografia – esse elemento definidor da nossa vida de quase nove séculos – nos vem protegendo dos abalos migratórios geradores do ódio.

Pertencemos a um grupo etário que viveu até bem próximo da média actual da esperança de vida. E, se é verdade que a nossa acção de há 44 anos foi a bonança que afastou a “tempestade” herdada do período de entre-guerras, o consolo e orgulho dessa memória nos não livram da angústia que sentimos quanto ao futuro da Europa nem nos dispensam de bradar à mais férrea resistência até que o clarim da vida nos faça ouvir o derradeiro toque.

¹ ZWEIG, Stefan, *The World of Yesterday* (Locais do Kindle 5317-5323). Pushkin Press.